

## Percepções de licenciandos do Curso de Química da UEG: Um estudo sobre experimentação a partir de um grupo focal

\*Rafaela Alexandra da Silva<sup>1</sup> (IQ), Yasmin Julia Alves de Paulo<sup>2</sup> (IQ), Níliá Oliveira Santos Lacerda<sup>3</sup> (PQ).

<sup>1,2,3</sup>Universidade Estadual de Goiás - CCET - Campus de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo – Anápolis – Goiás. E-mail: rafa\_alexandra@hotmail.com

Palavras-Chave: experimentação, formação inicial, dificuldades.

### Introdução

A experimentação é um recurso pedagógico que contempla várias habilidades, principalmente as cognitivas. Mas, muitos professores ainda as utilizam de maneira errada, desvalorizando os seus aspectos cognitivos e privilegiando, somente seu caráter motivador. O aluno tem uma visão distorcida sobre a função da experimentação e da construção do conhecimento científico. Escolhemos a pesquisa qualitativa para a realização desse trabalho, e para a construção de dados optamos pelo grupo focal que segundo Dias (2000) é definido como uma técnica de pesquisa que coleta dados através de atitudes, ideias dos participantes ao discutir um tópico sugerido pelo pesquisador. Seis alunos participaram do grupo focal e as palavras utilizadas foram: experimentação, formação inicial e dificuldades. O objetivo desse trabalho foi compreender as dificuldades enfrentadas pelo licenciandos recém-ingressantes no curso em uma aula experimental realizada pelos mesmos. A atividade experimental foi realizada com 19 licenciandos do 2º período do curso de Química Licenciatura na disciplina de Química Fundamental II. O assunto proposto foi os processos endotérmicos e exotérmicos, e os licenciandos tinham que escolher um experimento e simular uma aula experimental para o Ensino Médio.

### Resultados e Discussão

Na análise das transcrições da discussão do grupo focal podemos perceber, de modo geral, que a experimentação para eles não desvincula a teoria da prática, mas evidencia a compreensão de visões distorcidas que os alunos têm sobre esse assunto. Iremos identificar os seis alunos que participaram do grupo focal por letras de A a F. A partir da primeira palavra para ser discutida temos na fala do aluno A que *“A experimentação é vista com um caráter salvacionista em relação ao ensino de química, mas não é bem assim, se você não tiver um bom domínio do conteúdo que está envolvido na experimentação e, por mais que tenha, o aluno muitas vezes não tem essa compreensão de tantos conceitos que englobam a experimentação, confundindo-se mais”*. E como o aluno D concluiu: *“[...] até porque, explicar um fenômeno químico também envolve fenômenos físicos e outros conceitos e, para um aluno do ensino médio, pode ser difícil se ele não tiver uma visão realmente de como é”*. Percebemos então, que ao inserirmos a experimentação precisamos nos atentar para que ela realmente seja problematizadora e questionável. E que nem sempre será a salvação para os problemas de aprendizagem que são discutidos (MALDANER, 2000). O aluno B diz que: *“É*

*importante lembrar que, não se pode cair na prática pela prática e nem na teoria maçante”*. De acordo com o aluno C: *“É importante entender essa relação para não cair nesse erro, se não vira receita de bolo”*. Ao cair na prática pela prática, praticamente se diz que o experimento precisa dar certo, pois não tem um embasamento teórico antes e não é sempre que a prática vai comprovar a teoria. Como o aluno F disse: *“se o experimento no final não der certo e não tivermos uma teoria antes, não vamos saber o porquê e isso não irá contribuir para a formação crítica dele”*. Assim a partir dessa colocação do aluno F, podemos perceber que a experimentação quando realizada de forma investigativa pode contribuir com uma maior criticidade e compreensão dos licenciandos. Pois conforme Zanon (2008) é perigoso realizar apenas atividades experimentais que possuem caráter superficial e um roteiro repetitivo, pois não estabelecem assim relações teoria-prática. Para o aluno G: *“[...] nós tivemos muitas dificuldades para entender os conceitos e explica-los, ao preparar uma aula de experimentação no ensino médio você tem que ter um conhecimento aprofundado, não basta só saber química, é necessário saber todas as variáveis que podem interferir na atividade, pois às vezes pode dar errado e é preciso saber o porquê”*. A partir da fala do aluno G, podemos perceber que ao preparar uma aula experimental para o ensino médio é fundamental compreender e saber explicar os conceitos envolvidos.

### Conclusões

A partir da análise das falas das discussões do grupo focal, ao realizar uma aula experimental, percebe-se que, a experimentação por si só não melhora o aprendizado dos licenciandos, ela não é a salvacionista do ensino de química. Nessa perspectiva, de nada adiantaria realizar atividades práticas se elas não propiciam momentos de discussão e aprofundamentos entre a teoria e a prática.

### Agradecimentos

LIPEC – UEG

MALDANER, O. A. Formação Inicial e Continuada de Professores de Química: Professores/Pesquisadores. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2000.  
ZANON, L. B. Tendências curriculares no ensino de ciências/química: um olhar para a contextualização e a interdisciplinaridade como princípios da formação escolar. In: Educação Química no Brasil: memórias, políticas e tendências. Campinas, São Paulo: Átomo, 2008.  
DIAS, C, A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: Estudos*. v.10 n.2 2000.